

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Cláudio Ferreira da Silva Júnior

**UTILIZAÇÃO DE CÃES DE GUERRA NAS OPERAÇÕES DE CONTROLE DE
DISTÚRBIO**

**Resende
2019**

Cláudio Ferreira da Silva Júnior

**DA UTILIZAÇÃO DE CÃES DE GUERRA NAS OPERAÇÕES DE CONTROLE DE
DISTÚRBIO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Leonardo de Assis Faria da Silva

Resende
2019

Cláudio Ferreira da Silva Júnior

**UTILIZAÇÃO DE CÃES DE GUERRA NAS OPERAÇÕES DE CONTROLE DE
DISTÚRBO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em ____ de _____ de 2019:

Banca examinadora:

**Leonardo de Assis Faria da Silva- 1º Ten Inf
Orientador**

Yuri Soares de Carvalho- 1º Ten Inf

Pedro Lorenzoni- 1º Ten Inf

Resende
2019

Cão é leal ao seu dono, dá amor verdadeiro. Cão é bom entendedor e tem grande conhecimento e grande julgamento. Cão tem força e bondade. Cão tem sabedoria e é verdadeiro. Cão tem grande memória. Cão tem grande sentimento. Cão tem muita aplicação e grande poder. Cão tem muita valentia e muita sutileza. Cão tem grande rapidez e muita perseverança. Cão é bom de ser comandado, pois ele aprenderá tanto quanto um homem tudo o que lhe for ensinado. Todos os fundamentos estão nos cachorros. Tão bons são os cães que não há homem que não queira ter um para um uso ou outro.(Gaston Febus)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por iluminar minha mente e ser base e fundamento de tudo que venho galgando. Sou grato também à minha família que sempre abdicou de seu conforto e tranquilidade para propiciar uma boa educação e permitirem que eu seguisse meus sonhos e pudesse ser feliz. Também sou extremamente grato a mulher que vem traçando sua vida ao meu lado e fazendo com que eu brilhe cada vez mais. Ao lado de todo grande homem há uma grande mulher. Obrigado por tudo.

RESUMO

DA UTILIZAÇÃO DE CÃES DE GUERRA NAS OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRBIO

AUTOR: Cláudio Ferreira da Silva Júnior
ORIENTADOR: Leonardo de Assis Faria da Silva

O Cão tem sido utilizado como vantagem nos campos de batalha desde os tempos antigos. Esse meio passou a ser usado, também, nos sistemas de policiamento. Iniciando com o Pastor Alemão na Alemanha o cão se mostrou muito útil nessa função e tem sido cada vez mais utilizado.

Exércitos do mundo todo utilizam os Cães de Guerra e hoje tem sido amplamente utilizado nas OCD. Analisando as características desses tipos de operações e como realizar o controle da população em momentos críticos, vê-se com clareza a importância de meios com caráter psicológico como o Cão de Guerra. Esse animal se distingue de outros meios dissuasórios pois têm baixo efeito colateral e caso seja necessário seu uso assim será feito, sem maiores danos.

Palavras-chave: Cães de guerra, Operações urbanas, Operações de controle de distúrbio, meio dissuasório.

ABSTRACT

THE USE OF WAR DOGS IN CONTROL OF DISTURB OPERATIONS

AUTHOR: Cláudio Ferreira da Silva Júnior

ADVISOR: Leonardo de Assis Faria da Silva

The Dog have been used as usiful in the battle field since old times at the history. This animal started to be used also in the policiment system. The race German Shepered was very helpful, in Germany, in this function and has been increasingly used.

Armies around the world use War Dogs and today it has been widely used in Disturbance control operation. Analyzing the characteristics of these types of operations and how to control the population at critical moments, we can clearly see the importance of psychological weapons as War Dogs. This animal is distinguished from other dissuasive means because they have low side effect and if necessary its use will be done without further damage.

Keywords: War dogs, Urban Operation, Disturbance control operation, Dissuasive tool.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
1.1	OBJETIVOS.....	10
1.1.1	Objetivo Geral	10
1.1.2	Objetivos Específicos	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1	CÃES DE GUERRA.....	11
2.1.1	Evolução Histórica	11
2.1.2	Utilização dos cães na guerra	15
2.1.3	Evolução do cão policial	13
2.1.4	O emprego dos Cães de Guerra pelo Exército Brasileiro	15
2.2	OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRPIO.....	18
2.3	OPERAÇÕES DO EXÉRCITO BRASILEIRO COM CÃES DE GUERRA.....	18
2.3.1	Operação Arcanjo	18
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO	20
3.1	TIPOS DE PESQUISA.....	20
3.2	MÉTODOS.....	20
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

O cão está a tanto tempo inserido em nossa sociedade que não nos damos conta de quando surgiram ou se sempre foram esses animais dóceis que temos em nossas casas. A pesquisa realizada mostra a origem dos primos dos lobos e como eles surgiram e formaram essa variedade canina que conhecemos.

A pesquisa mostra também que sempre houve, de alguma maneira, a utilização dos Cães de Guerra como apoio em diversos tipos de disputas. Encontramos o cão desde os egípcios, na figura de Anúbis, conhecido na mitologia egípcia como deus dos mortos e moribundos.

Após estudarmos a evolução da utilização do cão na história, partiremos para o cerne da pesquisa que é a utilização atual dos Cães de Guerra nas OCD, características, habilitações disponíveis para os cães, além das características que os cães precisam ter para melhor desempenharem as funções nas quais têm sido empregados. Para isso levantei informações importantes sobre as Operações de Controle de Distúrbio bem como no modo de utilização do Cão de Guerra, amarrado pelo manual EB70-CI-11.002, 2013. Além disso, para concretizar a importância da utilização dos Cães de Guerra nas operações, trago, nessa pesquisa, missões nas quais o sucesso foi alcançado devido ao excelente e adequado emprego desse meio que o Exército vem utilizando com cada vez mais com esse propósito.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Ressaltar a importância da utilização dos Cães de Guerra nas Operações de Controle de Distúrbio, através da sua utilização no transcorrer da história e sua evolução até os dias atuais.

1.1.2 Objetivos específicos

Analisar o emprego dos Cães de Guerra no decorrer da história.

Analisar as características do emprego dos Cães de Guerra.

Ressaltar as características de uma Operação de Controle de Distúrbio

Apontar a importância dos Cães de Guerra na prática

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O tema da pesquisa está inserido na área de Operações de Controle de Distúrbio, com particularidade no Caderno de Instrução de Emprego de Cães de Guerra-EB70-CI-11.002.

A monografia se constituiu de uma análise das operações de controle de distúrbio, realizadas com os cães de guerra, verificando, na prática, suas possibilidades e limitações.

O estudo foi exploratório, uma vez que existe pouco material produzido pelo Exército Brasileiro por se tratar de um meio ainda não muito explorado pelas FFAA. A coleta de dados foi realizada através de dados de Manual de Campanha, Cadernos de Instrução e Artigos Científicos.

O presente estudo visa a corroboração da importância do emprego desse meio em Operações de Coordenação de Distúrbio, sua origem histórica além de explorar suas principais possibilidades e limitações. Além disso, busca verificar se seria possível realizar melhorias substanciais no cumprimento das operações caso houvesse um aumento de efetivo e melhoramento da capacitação dos militares e no treinamento do animal.

2.1 CÃES DE GUERRA

2.1.1 Evolução Histórica

A origem da família dos canídeos se deu há mais de 40 milhões de anos, na era terciária, na qual surgiam os primeiros primatas. Os canídeos são provenientes da família dos miacídeos que era muito diferentes dos atuais cães. A enciclopédia do Cão (2001) fornece a informação que os miacídeos se desenvolveram inicialmente no continente norte-americano, no qual se desenvolveram em 42 gêneros diferentes, dos quais apenas 16 existem atualmente.

Seguindo a linha do tempo, há 19 milhões de anos, os miacídeos foram substituídos pela família canina dos cynodictis. Dessa família descendeu-se ainda o predecessor primitivo dos cães, o cynodesmus. (ENCICLOPÉDIA DO CÃO, 2001).

Por fim o cynodesmus veio a ser sucedido pelo gênero tormactus, antecessor direto dos canídeos. O tormactus já apresentava muitas características com o cão que conhecemos hoje, sendo considerado o que originou todas as espécies dos canídeos: raposas, chacais, hienas, lobos e cães. Esses animais apresentam características muito similares, como a agilidade predatória, ótima visão, excelente audição, faro aguçado, além de vigorosa resistência física. (GEARY, 2011). Isso será extremamente útil para podermos utilizar esse animal nas OCD.

Consoante Machado et all (2001), acredita-se que foi na Índia que os cães apareceram primeiro, por volta de apenas 100.000 anos atrás. Logo após isso, os cães que vieram da família dos lobos, conhecidos como lupos pallipes, se espalharam de forma intensa pelos continentes europeu, asiático e norte-americano.

Mesmo com todos os estudos realizados na busca de determinar, entre os parentes mais próximos do cão, qual é o sue ancestral reto, ainda não alcançamos sucesso. Porém seja qual for esse ancestral, como disse Fioroni (1970) é inegável a influência humana sobre a evolução do cão, pois sem sua domesticação e criação seletiva, o cachorro não apresentaria as particularidades dóceis, que apresenta hoje. Mesmo podendo determinar exatamente quando o cão começou a ser domesticado pelo homem começando a fazer parte da estrutura familiar, chega-se a conclusão que essa relação de intimidade e amizade que encontramos até hoje teve início há muito mais tempo:

Segundo dados arqueológicos a domesticação do cão teria ocorrido a aproximadamente 14.000 anos quando o lobo foi trazido para dentro da estrutura social humana. Para tanto o processo de amansamento já ocorreria desde o momento que agrupamentos de lobos passaram, graças à facilidade na obtenção de alimentos, a habitar próximos aos assentamentos humanos. (SOUZA E SILVEIRA, 2003, p. 9)

2.1.2 Utilização de cães nas guerras

As guerras marcam toda a história da humanidade, sempre em busca de terra ou poder. O cão, concomitantemente, sempre esteve ao lado do homem e nos tempos de conflito não seria diferente. Então o homem passou a usar esse animal também nas operações militares como um meio auxiliar, de modo a torná-lo uma arma ofensiva. A Enciclopédia do Cão (2001, p. 400) diz: “em função das armas e dos exércitos, o cão viu, com o correr dos séculos, seu emprego modificar. Conhecemos o cão soldado, vestido com armadura fatal para seu inimigo, o cão sentinela, rastreador, patrulhador, [...]”.

Maciel (1999) diz que civilizações antigas como egípcios, romanos, gauleses e celtas, já faziam uso do cão durante as campanhas armadas. Utilizavam com maior constância o cão molosso, por apresentar maior agressividade e grande porte corporal, que juntos com armaduras munidas de pontas afiadas apropriadas para dilacerar o ventre de cavalos ou de soldados, se mostravam, conforme Enciclopédia do Cão (2001, p. 400), “verdadeiras máquinas de guerra”.

Consoante ao exposto, a Enciclopédia do Cão instrui:

Desde o século XIII antes de Cristo, o cão, na condição de soldado com todos os direitos e obrigações, participa dos combates travados pelos homens. Esses molossos representavam armas indubitáveis contra o inimigo que tombavam sob o golpe de suas terríveis mordidas. Enciclopédia do Cão (2001, p. 400)

Fica evidente que a participação dos cães de guerra nas guerras da antiguidade ocorriam com frequência, mas foi a partir da Primeira Guerra Mundial que a participação dos cães ficou marcante. Houve nesse período estimativa de 75 mil na Primeira e mais de 200 mil na Segunda Guerra Mundial, entretanto passaram a ser utilizados de forma diferente, agora em serviços de busca, salvamento, guarda, paraquedista e até como suicida. (MACIEL, 1999). Ratificando essa colocação:

Diversas outras civilizações ao longo dos séculos utilizaram os cães nas guerras para atacar as tropas inimigas, porém, foi na 1ª Guerra Mundial que o cão passou a receber uma maior atenção, sendo utilizado por quase todos os países que dela participaram. Seu emprego passou do ataque às tropas inimigas de forma feroz e sanguinária para a utilização principalmente em busca, salvamento e guarda de estabelecimentos. COSTA (2008, p. 21).

Afirma-se, portanto, a forte presença do cão nos diversos conflitos da humanidade, proporcionando esse meio aos exércitos com a segurança, apoio e ofensividade durante as batalhas. Isso despertou o interesse no cão que pode ser uma ótima ferramenta a ser utilizada pelas polícias, fazendo com que atravessasse as décadas e os séculos, marcando até a atualidade o seu emprego.

2.1.3 evolução do cão policial

As guerras entre os povos eclodiram e o cão veio se mostrando cada vez mais presente. Concomitantemente ao uso de cães em batalhas, surgiram forças de fiscalização e controle dos povos, conhecidos hoje como polícias, que aplicam até os dias de hoje o cão como instrumento eficiente de combate ao crime.

De acordo com Maciel (1999), o emprego do cão suplementando o policiamento, remonta ao século XIV, na França, Saint Malo, local o qual foi criado um sistema de patrulhamento com cães. Coincidindo com essa faixa temporal, os cães também foram utilizados nas guardas de fronteira por todo o continente europeu.

A utilização do cão no serviço policial teve como precursor a Alemanha, confiando nas qualidades como olfato apurado, coragem, agilidade e obediência, a raça que foi escolhida fora a pastor alemão, conhecido até hoje como sinônimo de cão policial. Com o sucesso da

utilização dessa ferramenta, rapidamente a ideia se expandiu alcançando alguns países europeus como Bélgica, Holanda, por volta de 1900, e a Inglaterra, em 1935. (MACIEL, 1999).

Complementando, Silva, expõe:

Já em 1886 a Alemanha também passou a utilizar cão pastor alemão, devido o olfato apurado, coragem, agilidade e obediência sendo empregado em manifestações, na condução de presos, nos presídios e nas rondas e devido a esta utilização até hoje essa raça é conhecida por muitos como pastor policial. A Holanda e Bélgica em 1900 copiaram a ideia; sendo que a Inglaterra somente em 1935 através das Forças Provinciais Britânicas criou um grupo para enquadrá-la na Polícia Metropolitana de Londres, para combater os aumentos de delitos, pois tinha escassez de policiais. SILVA ((2003, p. 30-31)

Da mesma maneira que a Alemanha na Europa, na América do Norte, os Estados Unidos foi o primeiro país a utilizar o cão na prevenção do crime. Iniciou com um programa de adestramento e emprego de cães que é vigente até hoje no departamento de polícia de Berkeley, Califórnia. Após o sucesso, ainda expandiu-se para outros departamentos como o DEA, FBI e Polícia Federal Americana. (MACIEL, 1999).

Ratificando, diz Martins:

Na América do Norte, o 1º país a utilizar esses animais foi os Estados Unidos, onde em vários Estados norteamericanos, possui nas suas atividades policiais o emprego de cães, constituindo sempre em duplas nas viaturas com o binômio homem – cão. O DEA (Departamento Antitorpecentes) e o FBI empregam os cães nas operações para a localização de drogas ilícitas. MARTINS (2007, p. 2)

O emprego dos cães no policiamento foi extremamente bem-sucedido nos Estados Unidos, hoje as unidades caninas, conhecidas como K-9, são encontradas na maioria dos departamentos de polícia americanos. Assim, seu emprego começou a ser explorado cada vez melhor, sendo utilizado em patrulhamento a pé, motorizado, embarcado e aéreo, além de executar missões de detecção de drogas e explosivos e na atividade de busca e salvamento de pessoas em caso de calamidade pública. (MACIEL, 1999).

Na América do Sul, a primeira unidade cinófila pertenceu à Argentina. Isso com cães refugiados da Segunda Guerra Mundial, que passaram a integrar a sociedade de forma geral e o policiamento argentino. Hoje encontramos na Argentina o segundo melhor plantel no que se refere a treinamento de cães da raça pastor alemão, no mundo, estando atrás apenas da Alemanha. (MACIEL, 1999)

No Brasil a utilização dos cães para policiamento logo chegou. Os primeiros estados a fazerem uso desse meio foram São Paulo e Rio de Janeiro, na década de 40. Sobre isso, destaca Maciel:

As primeiras experiências foram postas em prática, timidamente, na década de 40, pelas Polícias Militares do Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, já em 1950 era criado oficialmente o Canil da Força Pública de São Paulo (denominação antiga da PMESP), o qual contava com quatro cães, sendo dois da Argentina. Maciel, (1999, p. 70)

Hoje, as unidades cinófilas ultrapassaram as unidades dos órgãos policiais e atingiram a esfera federal, sendo utilizadas principalmente com cães farejadores nas fiscalizações de entorpecentes, principalmente pela Polícia Federal (PF) e Polícia Rodoviária Federal (PRF), e nas Operações de Controle de Distúrbio nas Organizações Militares de Polícia do Exército.

Com o exposto, faz-se claro que o uso do cão de guerra nas atividades policiais trouxe um grande benefício, tornando-se muitas vezes indispensáveis, como os cães farejadores com a PRF nas fronteiras do país. A utilização desse meio possibilitou um incremento na segurança pública além de atuar como meio dissuasório, já que só a sua presença já cria um sentimento de medo no Agente Perturbador da Ordem Pública. Outra vantagem foi a aproximação da população com as forças de polícia já que o cão é um animal presente em toda sociedade.

2.1.4 O Emprego dos Cães de Guerra Pelo Exército Brasileiro

O emprego do Cão de guerra ocorre, no Exército Brasileiro, no apoio às missões da Polícia do Exército, PE, podendo atuar tanto em ambiente rural quanto urbano. Entre as funções que poderá desempenhar estão, guarda de instalações, revista de pessoal, controle de distúrbios, a qual daremos maior enfoque, detecção de narcóticos, localização de evidências e detecção de explosivos

O Cão possui uma elevada agressividade controlada e grande efeito psicológico, sendo um grande meio dissuasório, uma vez que mesmo não sendo utilizado em ação, somente sua presença já inibe qualquer tentativa de uma ação de distúrbio, sendo um meio imprescindível nas Operações de Controle de Distúrbio. Para isso o Cão deve possuir o grau CPE I, Cão de Polícia do Exército, e que seja conduzido por, no mínimo, um ‘condutor de Cães de Guerra’.

Figura 1 – Cão de Guerra – 1ºBG



Fonte: DefesaNet

O grau CPE I é uma habilitação que o cão pode conseguir. É definida pelo manual EB7-CI-11.002 como:

Cão apto a trabalhar em patrulhamento policial, abordagens, defesa do condutor, escolta de presos, segurança de autoridades, isolamento de áreas e controle de distúrbios. Esse é o nível básico de cão de guerra e uma etapa obrigatória para a obtenção das categorias subsequentes. O CPE I deve estar sob total controle de seu condutor, pois, devido ao tipo de serviço, devem-se resguardar pessoas inocentes de mordidas acidentais. Para isso, o cão receberá treinamento completo e intenso de obediência básica, por meio do qual deverá atingir alto desempenho no serviço de proteção. Poderá atacar, inclusive, a distância, e largar, perfeitamente, sob comando em quaisquer circunstâncias. Para empregar essa categoria de cão, o militar deverá possuir, no mínimo, a habilitação “Condutor de Cães de Guerra”. EB7-CI-11.002

Além do CPE I, o Cão de Guerra ainda pode obter outras habilitações também definidas pelo manual EB7-CI-11.002, sendo elas:

CÃO DE GUARDA (CG) - Cão selecionado e treinado para o serviço de guarda de instalações, paióis, depósitos, reservas e demais áreas de segurança. Para essa função, será exigido um treinamento básico do cão, que poderá ser manejado por militar que possua, no mínimo, a habilitação “Tratador de Cães de Guerra”. O cão de guarda deve apresentar alta agressividade e baixo limiar de disparo do impulso de defesa (cão do tipo antissocial), de forma que proporcione comportamento ostensivo e intimidador, visando a coibir qualquer tentativa de invasão da área protegida, além de ser treinado para não aceitar alimentos oferecidos por estranhos. Isso evitará riscos de envenenamento.

CÃO DE POLÍCIA DO EXÉRCITO II (CPE II) - Cão apto a trabalhar nas atividades de busca e captura de fugitivos em áreas abertas, matas e edificações, varreduras de ambientes diversos e invasão a localidades. O CPE II é o grau avançado de cão de guerra. Este deve possuir treinamento especializado de obediência e alta capacitação para busca, ataque, localização, combate em situações adversas e ambientes inóspitos, mesmo sem a presença

de seu condutor, pois nas capturas deverá atacar indivíduos a grandes distâncias e fora do campo visual do seu condutor. Para empregar o CPE II, o militar deverá possuir, no mínimo, a habilitação “Condutor de Cães de Guerra”.

CÃO DE DETECÇÃO DE NARCÓTICOS (CDN) - Cão apto a trabalhar na detecção de drogas. Antes da habilitação de CDN, o cão deve possuir, no mínimo, o grau CPE I. Devido às características brasileiras, o serviço de detecção deve ser uma especialização do cão de policiamento. O impulso de presa, que é o responsável pela aptidão para a busca de drogas e explosivos, é potencializado pelo impulso de agressão (imprescindível ao cão de policiamento), de modo que um cão com ambos os impulsos mostra-se mais duro, persistente e determinado, características necessárias às situações ambientais e climáticas nos trópicos. Além disso, as frações de cães de polícia tornam-se mais eficientes quando atuam com cães de dupla aptidão, capazes de realizar detecções e capturar um foragido em situações inusitadas. O CDN poderá ser treinado para realizar indicação ativa ou passiva. Estará habilitado a empregar o CDN o militar que possuir, no mínimo, a habilitação “Condutor de Cães de Guerra”.

CÃO DE LOCALIZAÇÃO DE EVIDÊNCIAS (CLE) - Cão apto a trabalhar nas cenas dos crimes e buscar alguma(s) evidência(s) que possa(m) ajudar nas investigações, tais como estojos deflagrados, armas abandonadas, aparelhos telefônicos, documentos, peças de vestuário, entre outros. Essa busca poderá ocorrer, principalmente, em matas e campos abertos. Tal como no CDN, esta deverá ser uma especialização do cão de policiamento. A importância da busca de tais evidências auxilia na elucidação de crimes. O CLE deverá possuir, preferencialmente, indicação passiva, haja vista a possibilidade de serem obtidas impressões digitais do(s) objeto(s) encontrado(s). Estará habilitado a empregar o CLE o militar que possuir, no mínimo, a habilitação “Condutor de Cães de Guerra”.

CÃO DE DETECÇÃO DE EXPLOSIVOS (CDE) - Cão apto a trabalhar na detecção de bases explosivas, tais como, pólvora C4, TNT e outras, além de ser capaz de localizar munições, artefatos e armamentos com o odor das bases supracitadas. A missão do CDE apresenta um nível de responsabilidade e risco maior que a do CDN, por isso este só poderá ser empregado por um “Instrutor de Cães de Guerra”. O CDE é, pelos mesmos motivos que o CDN, uma especialização do cão de policiamento. Deve, portanto, ter obtido, anteriormente, o grau CPE I. A indicação de explosivos deverá ser executada, obrigatoriamente, de forma passiva. Um cão não pode ser treinado ou empregado, paralelamente, para localização de explosivos e narcóticos, pois são funções incompatíveis.
EB7-CI-11.002

A principal ação em uma operação de OCD é como elemento de dissuasão. Os Cães de Guerra podem ser utilizados, nessas operações, em grupamento de cães em formação de linha, estando posicionados linearmente, um ao lado do outro, de maneira que ocupem uma área maior com foco e segurança voltados para apenas uma direção; ou em cunha, dispostos formando um semicírculo côncavo, possibilitando uma maior segurança não apenas para o sentido geral de deslocamento da tropa, e também para as laterais. Com o objetivo de isolar uma área ou proteger a retaguarda da linha de escudeiros. Nesse caso, é importante ressaltar que o Cão é melhor aproveitado como apoio, sendo extremamente difícil controlar uma multidão apenas com Cães de Guerra.

Nessas operações é comum que a tropa não possua um alvo claro no qual possa focalizar. Nessas condições o cão nunca poderá ser solto, não importando a situação, haja vista que o cão poderia vir a correr grandes riscos caso ficasse isolado em meio à multidão. Além da perda do controle do Cão de Guerra podendo vir a ferir um inocente.

2.2 OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRPIO

As Operações de Controle de Distúrbio (OCD), estão inseridas dentro do contexto das operações GLO. A Polícia Militar de São Paulo define em manual, M 8-PM, a caracterização de distúrbios como Inquietações ou tensões que tomam a forma de manifestações violentas. São situações que surgem dentro do país decorrentes de atos de violência ou desordens prejudiciais a manutenção da lei e da ordem. (São Paulo, 2011, p. 11)

Outra definição encontrada é a nota de aula do CIOGLO, no qual aborda os conceitos de aglomeração, multidão e massa:

“Aglomeração: grande número de pessoas temporariamente reunidas. Geralmente, os membros de uma aglomeração pensam e agem como elementos isolados e não organizados. A aglomeração pode, também, resultar da reunião acidental e transitória de pessoas, tal como acontece na área comercial de uma cidade em seu horário de trabalho ou nas estações ferroviárias em determinados instantes”. (BRASIL, 2015).

“Multidão: aglomeração psicologicamente unificada por interesse comum. A formação da multidão caracteriza-se pelo aparecimento do pronome ‘nós’ entre os seus membros, assim, quando um membro de uma aglomeração afirma: “nós estamos aqui pela cultura”, “nós estamos aqui para prestar solidariedade”, ou “nós estamos aqui para protestar” pode-se também afirmar que a multidão está constituída e não se trata mais de uma aglomeração”. (BRASIL, 2015).

“Massa: Grande quantidade de pessoas”. (BRASIL, 2015). As massas podem ser consideradas pacíficas, que se reúnem por motivos justos e de forma pacífica, organizadas são aquelas que apresentam um líder e objetivos específicos de interesse de seu grupo social. Por fim, temos as massas consideradas violentas possuem liderança definida, todavia estas demonstram preocupações relativas a ordem pública. (BRASIL, 2015).

2.3 OPERAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO COM CÃES DE GUERRA

2.3.1 Operação Arcanjo

Para pacificação das comunidades dos complexos da Penha e do Alemão foram utilizadas diversas tropas, entre elas a Brigada de Infantaria Paraquedista, do Rio de Janeiro; a 9ª Brigada de Infantaria Motorizada (Escola), do Rio de Janeiro; a 4ª Brigada de Infantaria Motorizada, de Minas Gerais; a 11ª Brigada de Infantaria Leve (GLO), de São Paulo e tropas do Comando Militar do Sul, dos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e Paraná. Em reforço a todas essas tropas foram empregados os Cães de Guerra do 1º Batalhão de Guarda.

Como vimos existem diversas subseções que cada animal será empregado. Na Operação não foi diferente. Para Operações de Busca e Apreensão (OBA) foram utilizados,

majoritariamente, cães da subseção de faro, sendo que essa contém dois cães para farejamento de drogas, e dois para farejamento de pólvora, armamento, munição e explosivos.

Para os momentos que foram necessários cães de ataque, foi utilizada a subseção de Cães de Polícia juntamente às tropas de choque do 1º Batalhão de Guarda, que atuava, normalmente, como reserva da Grande Unidade apoiada. Também foram utilizados cães de demonstração da subseção de ‘Dogshow’ para realizar apresentações para a população com a finalidade de cumprir missões com fim de comunicação social.

Como também é característica dos cães, foram utilizados como instrumento de persuasão nos momentos em que havia a possibilidade de perturbação da ordem, principalmente nos bailes ‘Funk’ aos finais de semana.

Nos patrulhamentos a pé o cão foi muito importante pois, no cenário de becos e vielas, ele protegia a tropa iniciando varreduras e vasculhamentos podendo até antecipar a presença de um possível agressor.

O 1º BG ficou instalado na Serra da Misericórdia por 15 dias. Nesse local o cão também foi empregado na guarda das instalações montadas na crista topográfica e em pontos de controle nas principais vias de acesso.

Nos Postos de Bloqueio e Controle de Vias Urbanas (PBCVU), foram utilizados nas tropas de choque nas quais atuou para o controle de distúrbios durante manifestações de moradores por ordem dos traficantes, além da possibilitarem a apreensão de armas.

Figura 2 – Operação Arcanjo



Fonte: EXERCITO BRASILEIRO

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para analisar o emprego dos Cães de Guerra e para conceituar Operações de Cooperação e Controle de Distúrbio (OCD), para então analisar oportunidades de melhorias em seu uso no Exército Brasileiro e nas principais Forças Auxiliares e verificar se há a necessidade de aumento do seu emprego num cenário operacional no qual há cada vez mais a utilização do poder de polícia das FFAA e com o auxílio das Forças Auxiliares cada vez mais presentes nas Operações de Cooperação e Coordenação com Agências.

3.2 MÉTODO

O método utilizado na realização desta pesquisa foi o dedutivo, o qual parte de um conhecimento geral para chegar ao específico. Como definição Odília Fachin traz:

O método dedutivo é aquele que de duas proposições necessariamente surge uma conclusão. É um conhecimento que se obtém de forma inevitável e em contraposição. O método dedutivo parte do geral para o particular, do conhecimento universal ao conhecimento particular. Por exemplo, todos os metais são condutores de eletricidade. A prata é um metal, logo a prata é condutor de eletricidade. ODÍLIA FACHIN (2001, p. 30)

Ainda ratifica, Pasold (2000, p. 85) quando diz: “estabelecer uma formulação geral e, em seguida, buscar as partes do fenômeno de modo a sustentar a formulação geral: este é denominado método dedutivo”. (grifo do autor).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Cães de guerra foram e continuam sendo usados desde os primórdios da civilização, com os egípcios, até os dias de hoje, com os cães sendo ferramenta importantíssima para o cumprimento de missões de Operações de Controle de Distúrbio.

Claramente durante a evolução histórica o cão teve diversas funções, citadas na pesquisa. Hoje as FFAA do mundo todo utilizam essa potencial máquina de guerra em prol de sua nação.

Especificamente no que tange o Exército Brasileiro, prioritariamente na Polícia do Exército e Batalhões de Guarda, esse meio vem aumentando e tem ganhado vulto no meio acadêmico. Isso pode ser ratificado através da criação de manuais, por exemplo o EB70-CI-11.002, de 2013, sobre emprego de cães de guerra, que visam melhorar a doutrina do uso desse meio, buscando sempre chamar a atenção para sua importância nas as OCD.

Além das missões corriqueiras que os Batalhões que dispõem do Cão de Guerra cumprem, essa ferramenta vem sendo colocada em reforço a outros batalhões aprimorando o êxito em diversas operações. Prova disso é a operação Arcanjo na qual o cão foi amplamente explorado trazendo benefícios tremendos tanto para o 1º BG quanto para as tropas que esse veio a reforçar.

A pesquisa deixa claro que o Cão de Guerra tem inúmeras possibilidades de exploração sendo um meio muito versátil. Os benefícios eles trazem para as operações podem, além de aumentar seu êxito, garantir que o soldado que sai às ruas para manutenção da ordem da nação possa retornar em segurança para sua casa.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Estado-Maior do Exército, **EB70-CI-11.002 Caderno de Instrução de Emprego de Cão de Guerra**, 1ª edição. Brasília: 2013.

BRASIL, Estado-Maior do Exército, **C 19-15 Operações de Controle de Distúrbio**, 3ª edição. Brasília: 1997.

CANIN, Royal, **Enciclopédia do cão**, Aniwa Editora. Rio de Janeiro: 2001

DEFESANET, **O emprego de Cães Militares na Operação Arcanjo**. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/mout/noticia/9014/O-emprego-de-caes-militares-na-Operacao-Arcanjo/>> Acesso em: 15 jun 2019